

O REALISMO

GERAÇÃO DE 70

Contexto em que surge:

Romantismo demasiado limitado aos problemas nacionais. Período que sucede ao primeiro romantismo português (1850-1870) – não é fértil em criações originais, rareiam os contactos com o estrangeiro a nível das grandes criações de ideias → período de **estagnação**.

Segunda geração romântica – grupo de escritores, mais ou menos comprometidos com o regime da Regeneração (privilegiados pelos cargos que esta lhes oferecia). Produziam uma literatura oficial, caracterizada pelo conservadorismo e pela consequente deterioração estética.

António Feliciano de **Castilho** – personalidade do ultra-romantismo (de temática soturna, melancólica, cujos expoentes eram a morte, a saudade, o amor infeliz, ...)

Geração de 70 – Grupo de jovens universitários de Coimbra

- ⇒ pensa e põe em causa toda a cultura, desde as suas origens
- ⇒ prepara uma profunda alteração na ideologia e estrutura social (a revolução republicana de 1910) através da análise crítica à sociedade portuguesa

Cerca de **1865** o grupo de ultra-românticos é contestado pelos jovens intelectuais de Coimbra, dos quais se destacam **Antero de Quental** e **Teófilo Braga**, que se batiam por uma abertura a influências culturais europeias (nomeadamente, francesas e alemãs). A polémica gerada por esta confrontação ficou conhecida como **Questão Coimbrã**.

Mais do que um confronto entre movimentos literários, a Questão foi sobretudo uma confrontação entre duas concepções de literatura: uma alienada e perfeitamente decorativa (ultra-romantismo) e outra, perfilhada por Antero, que defendia uma literatura em que os problemas da sociedade deveriam ter lugar.

Deste grupo faziam ainda parte nomes como **Guerra Junqueiro**, **Oliveira Martins**, **Eça de Queirós** e **Ramalho Ortigão**. Este último apareceu inicialmente ligado a Castilho na Questão Coimbrã, mas acabou por ser um dos membros mais activos da Geração de 70.

IDEÁRIO DA GERAÇÃO DE 70

- ⇒ Inconformismo com a estagnação cultural
- ⇒ Rejeição do estilo melodramático e rebuscado do ultra-romantismo
- ⇒ Adesão aos “ventos” da industrialização e modernização europeia
- ⇒ “paixão” pela luta contra os grandes problemas sociais
- ⇒ Reflexão sobre os conflitos políticos
- ⇒ Questionação da cultura portuguesa desde a sua origem
- ⇒ Preparação da revolução ideológica e política da sociedade portuguesa
- ⇒ Revalorização das tradições culturais
- ⇒ Recriação da língua e linguagem para permitir a tradução de um mundo novo.

AS CONFERÊNCIAS DO CASINO

No final dos seus estudos em Coimbra, os jovens envolvidos na Questão Coimbrã foram viver para Lisboa. Entendendo que Portugal se deveria aproximar da Europa culta, passaram a reunir-se para discutir problemas sociais, políticos, filosóficos, culturais e religiosos; eram conhecidos em Lisboa como o **Grupo do Cenáculo**. O grande impulsionador no âmbito do grupo foi Antero de Quental que decidiu organizar na sala do Casino Lisbonense uma série de conferências abertas, onde se expressassem as grandes questões contemporâneas: religiosas, literárias, sociais e científicas. Nasceram, assim, em 1871 as **Conferências do Casino**.

De todas as conferências destacam-se a de Antero, "**Causas da Decadência dos Povos Peninsulares**", e a de Eça de Queirós, "**O Realismo como Nova Expressão de Arte**".

Na sua conferência Antero analisa a história de Portugal, identificando os factores que contribuíram para a nossa decadência: de carácter político, o absolutismo monárquico; de âmbito religioso, o papel opressor da religião católica, especialmente da inquisição; de cariz económico, o fracasso dos projectos comerciais implementados pelos Descobrimentos.

Na conferência de Eça são apresentadas as razões para a necessidade de proceder, em termos literários, a uma revolução como a que se estava a operar na política, na ciência, na vida social. O Realismo é, então, apresentado como a negação da arte pela arte, da retórica balofa; o Realismo é a análise com vista à verdade absoluta, é a anatomia do carácter; fazendo um retrato do homem e da sociedade, o Realismo tocava os limites da moral, visando a justiça e a verdade. Segundo o próprio Eça "*o Realismo é uma reacção ao romantismo; o Romantismo era a apoteose do sentimento, o Realismo é a anatomia do carácter*". E ainda, "*o romance tem de nos transmitir a natureza em quadros exactíssimos, flagrantes, reais.*"

NATURALISMO

Movimento estético-literário ligado ao Realismo (pode considerar-se o seu prolongamento). No romance naturalista encaram-se os factos como resultado de causas determinantes - por exemplo, a educação, o meio, a hereditariedade,... O indivíduo é uma entidade passiva, condicionada por estes factores e incapaz de lhes escapar. → daqui advém o carácter fatalista deste movimento.

Os Maias, Eça de Queirós**Os Maias – duas vertentes**

→ História da família Maia, ao longo de três gerações representadas por Afonso, Pedro e Carlos da Maia

→ Crítica Social: “Episódios da vida romântica”
Flagrantes da vida portuguesa da segunda metade do século XIX

Intriga Secundária

Amores de Pedro da Maia e Maria Monforte

Intriga Principal

Amores de Carlos da Maia e Maria Eduarda (que conduzem a uma relação incestuosa)



Condiciona o desencadeamento da intriga principal. São os amores infelizes de Pedro e Maria Monforte que levam à separação dos filhos, que desconhecem a existência um do outro.

⇒ Existem **semelhanças** entre uma e outra intrigas

Antecedentes (da intriga principal)

- História de Afonso da Maia
- História de Pedro da Maia e Maria Monforte
- Infância e juventude de Carlos da Maia

Trata-se de uma acção fechada: Os elementos sucedem-se por uma relação de causalidade e existe um acontecimento final (desenlace) que inviabiliza a sua continuação.

As **personagens** da intriga principal são em número reduzido:

- Carlos da Maia
- João da Ega
- Guimarães
- Afonso da Maia
- Maria Eduarda

ETAPAS DAS DUAS INTRIGAS**Secundária**

- Amores de Pedro e Maria Monforte
- Casamento de Pedro e Maria
- Viagem de lua-de-mel por Itália e França
- Nascimento de dois filhos: Maria Eduarda e Carlos
- Fuga de Maria Monforte com Tancredo, levando Maria Eduarda e deixando Carlos com Pedro
- Suicídio de Pedro em casa do pai, em Benfica

Principal

- Amores de Maria Eduarda e Carlos da Maia
- Consumação do incesto
- Guimarães entrega a Ega um cofre, contendo uma declaração de Maria Monforte
- Revelações de Ega e Vilaça
- Revelações de Vilaça a Carlos
- Revelações de Carlos ao avô, Afonso da Maia
- Incesto consciente de Carlos
- Encontro de Carlos com Afonso
- Morte de Afonso
- Revelações a Maria Eduarda
- Partida de Maria Eduarda para Paris
- Viagem de Carlos e Ega por Londres, América do Norte e Japão.

As estruturas de ambas as intrigas são paralelas:

Intriga Secundária - Pedro	Intriga Principal - Carlos
a) Vida dissoluta	a) Vida dissoluta
b) Encontro fortuito com Maria Monforte	b) Encontro fortuito com Maria Eduarda
Paixão	Paixão
c) Pedro procura um encontro com Maria Monforte	c) Carlos procura um encontro com Maria Eduarda
d) Encontro através de Alencar / Melo	d) Encontro através de Dâmaso (Indirecto)
Elemento de oposição: a Negreira (oposição real de Afonso)	Elemento de oposição: a amante (oposição potencial de Afonso)
e) Encontros e casamento	e) Encontros e relação
f) Vida de casados: viagem ao estrangeiro, vida social em Arroios, nascimento dos filhos	f) Vida de relacionamento íntimo: viagem ao estrangeiro e casamento adiados, vida social na Toca
g) Retardamento do encontro com Afonso	g) Retardamento por causa de Afonso
Elemento desencadeador do drama: o Napolitano	Elemento desencadeador da tragédia: o Guimarães
h) Infidelidade e fuga de Maria Monforte - reacções de Pedro	h) Descoberta do incesto - reacções de Carlos
O drama	A iminência da tragédia
i) Regresso de Pedro ao Ramalhete, diálogo com Afonso e suicídio de Pedro	i) Encontro de Carlos com Afonso, sem diálogo, e motivação para o suicídio de Carlos
j) Motivação para a morte de Afonso	j) Morte de Afonso

As Personagens da Intriga Principal, especialmente Carlos, Afonso e Ega, revelam complexidade psicológica e conflito interior; são personagens modeladas. Embora sendo este um romance de família, esta não assume o papel de personagem colectiva. A partir do Capítulo III o narrador volta a sua atenção para Carlos, o que pode levar-nos a concluir que as referências às gerações de Afonso e Pedro só foram feitas para explicar a presença de Carlos em Lisboa.

Carlos – o protagonista

No que se refere a esta personagem, a narrativa compreende as seguintes etapas:

- A época da formação de Carlos (Cap. III)
- Os seus estudos em Coimbra (Cap. IV)
- Vida social em Lisboa e a sua intriga (Cap.s IV a XVII)
- O seu regresso a Lisboa com o objectivo da apresentação de significados simbólicos e ideológicos (Cap. XVIII)

FIM DA ANALEPSE – Carlos no meio lisboeta.

Idealismo de Carlos (p. 97)

- projectos
- vontade
- entusiasmo

Luxo do consultório (p. 99)

Ócio/actividades lúdicas Vs Trabalho

A preocupação com o conforto e com a aparência é indiscutivelmente maior do que com a funcionalidade.

O ócio e a indolência invadem Carlos (pp. 102-103)

- influência do meio
- pouca persistência e pouca dedicação de Carlos

Práxis (pp.289-290)

Carlos } incapacidade de concretização de projetos → Reflexão de Carlos

Eça }

[Tempo Psicológico]



Concretização do seu percurso rumo ao falhanço (p. 713)

Carlos assume-se como parasita – o anti-herói

Falhámos a vida, menino!

➔ O desencanto de uma existência; comparável ao percurso dos homens da Geração de 70

Destacam-se na personalidade de Carlos as seguintes características: **cosmopolitismo**, **sensualidade**, **luxo**, **diletantismo*** e **dandismo***.

***diletantismo** - qualidade ou carácter de diletante; **diletante** - aquele que exerce uma arte (ou profissão) por paixão e não por obrigação;

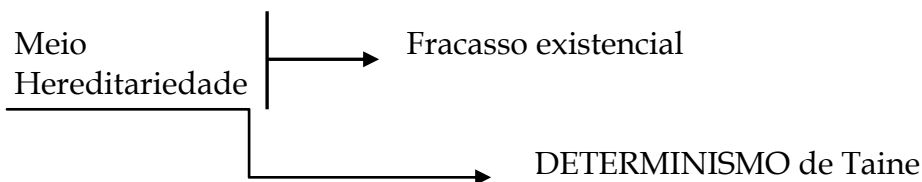
dandismo - o mesmo que janotismo; excessivo rigor ou luxo no trajar; apuro; ostentação.

Embora educado de forma esmerada fracassou

Porque falhou Carlos?

Não foi por causa da educação mas apesar da educação.

Falhou, em parte, devido ao **meio** em que se instalou – uma sociedade parasita, ociosa, fútil, sem estímulos; em parte, devido a **aspectos hereditários** – a fraqueza e cobardia do pai, o egoísmo, a futilidade e o espírito boémio da mãe.



INTRIGA PRINCIPAL – etapas mais marcantes

- Carlos vê Maria Eduarda (cap. VI, p.156)
- Carlos visita Rosa (cap. IX, p. 260)
- Carlos vai às corridas de Cavalos (cap.X, p.312)
- Carlos conhece Maria Eduarda (cap.XI, p.346)
- Declaração de Carlos (cap. XII, p.409)
- Consumação do incesto (cap.XIII, p.438)
- Encontro de Maria Eduarda com Guimarães (cap.XV, p.537)
- Revelações de Guimarães a Ega (cap.XVI, p.615)
- Revelações de Ega a Carlos (cap. XVII, p.640)
- Revelações de Carlos a Afonso (cap. XVII, p.644)
- Incesto consciente (cap.XVII, p.658)
- Encontro de Carlos com Afonso (cap. XVII, p.667)
- Morte de Afonso (cap. XVII, p. 669)
- Revelações a Maria Eduarda (cap. XVII, p.683)
- Partida de Maria Eduarda (cap.XVII, p.686)

→ A intriga principal é de **indole trágica** apresentando elementos que fogem às leis do Naturalismo:

- ⇒ O meio não funciona como condicionante (os protagonistas foram criados em meios diversos)
- ⇒ A educação não é condicionante (os protagonistas tiveram educações diferentes)
- ⇒ O factor hereditariedade não funciona como condicionante pois só descobriram parecenças entre os pais e o facto de serem irmãos num ponto muito avançado da ação.

A **feição trágica d' Os Maias** advém dos seguintes aspectos:

- as personagens principais são de classe social elevada;
- a temática do incesto – origina a destruição das personagens;
- a importância atribuída ao Destino* (enquanto força de destruição);
- a presença de Presságios** e símbolos de natureza trágica;
- Peripécia: revelações casuais de Guimarães. (p.615)
- Reconhecimento: momento em que Carlos e Maria Eduarda ficam a saber que são irmãos. (p.640...683)
- Catástrofe: morte de Afonso e separação de Carlos e de Maria Eduarda. (p.668-686)

PRESSÁGIOS**	PRESENÇA DO DESTINO*
<p>Cap. I – pág.s 7 (“...eram sempre fatais aos Maias as paredes do Ramalhete.”), 22 (parecença de Pedro com o bisavô, que enlouqueceu e se enforcou), 29-30 (a sombrinha escarlate de Maria Monforte tapa Pedro e parece a Afonso uma larga mancha de sangue)</p> <p>Cap. VI – pág. 152 (Ega compara Carlos a Dom Juan – “Tu és simplesmente como ele, um devasso; e hás-de vir a acabar desgraçadamente como ele, numa tragédia infernal!”)</p> <p>Cap. IX – pág. 263 (origem dos olhos azuis de Rosa)</p> <p>Cap. X – pág. 344 (Carlos afirma que nunca se sabe se o que nos acontece é, na verdade, bom ou mau. Craft responde que, por regra, é mau.)</p> <p>Cap. XI – pág.s 347 (quando vai a casa de Maria Eduarda para observar a governanta, em cima de uma mesa há uma jarra com três lírios brancos, já murchos = os três Maias), 368 (Carlos acha semelhanças entre Maria Eduarda e Afonso, pelo facto de ser piedosa)</p> <p>Cap. XII – pág. 415 (Ega pressente um “grave segredo” na vida de Carlos)</p> <p>Cap. XIII – pág. 434 (decoração do quarto, na Toca)</p> <p>Cap. XIV – pág.s 458 (ao adiar a partida para Itália “...o presságio de um futuro onde tudo seria confuso e escuro também.”), 471 (Maria vê em Carlos parecenças com a sua mãe)</p> <p>Cap. XVII – pág. 681 (“Há três anos, quando o Sr. Afonso me encomendou aqui as primeiras obras, lembrei-lhe eu que, segundo uma antiga lenda, eram sempre fatais aos Maias as paredes do Ramalhete. O Sr. Afonso da Maia riu de agouros e lendas... Pois fatais foram!”).</p>	<p>Cap. II – pág. 38 (a escolha do nome Carlos Eduardo “parecia-lhe conter todo um destino de amores e façanhas.”)</p> <p>Cap. VI – pág. 152 (Ega diz a Carlos que cada um tem “a sua mulher” e, ainda que estejam longe um do outro, inevitavelmente, encontrar-se-ão)</p> <p>Cap. VIII – pág. 245 (imaginação de Carlos acerca de Maria – “...foi-lhe surgindo na alma um romance radiante e absurdo: um sopro de paixão mais forte que as leis humanas, levava juntos o seu destino e o dela.”)</p> <p>Cap. XI – pág. 346 (similitude nos nomes de ambos – “Quem sabe se não pressagiava a concordância dos seus destinos!”)</p> <p>Cap. XII – pág.s 409 (“...como se esperassem, suspensos, o desfecho supremo dos seus destinos...”), 411 (“...conhece-me tão pouco, para irmos assim ambos, quebrando por tudo, criar um destino que é irreparável...”), 417 (Ega percebe, pelo modo como Carlos fala de Maria, que esse amor se tornou “o seu irreparável destino.”)</p> <p>Cap. XV – pág. 516 (Carlos considera-se “apanhado dentro de uma implacável rede de fatalidades...”)</p> <p>Cap. XVII – pág. 646 (o destino abate-se mais uma vez sobre Afonso - “...vencido enfim por aquele implacável destino que, depois de o ter ferido (...) com a desgraça do filho – o esmagava (...) com a desgraça do neto.”)</p>

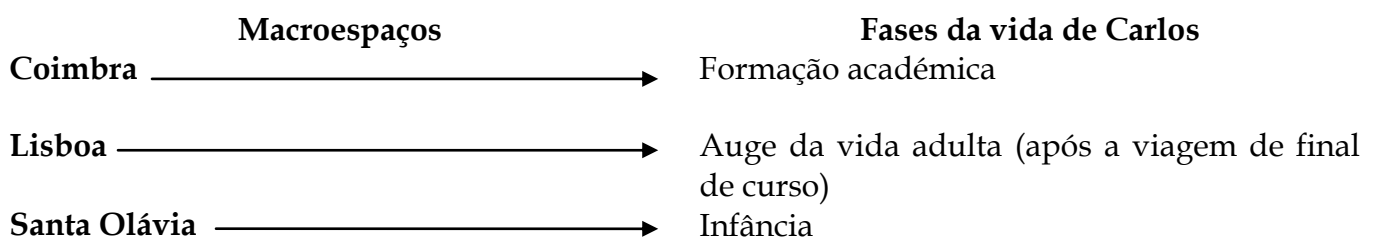
A **temática do incesto**, que domina todo o desencadear da intriga, era já tema fulcral da tragédia *Rei Édipo*, de Sófocles. Pelo seu carácter de ocorrência excepcional (especialmente nas circunstâncias em que ocorre n' *Os Maias*) está talhado para servir uma acção que reúna dois requisitos da tragédia: a impossibilidade de resolução pacífica do conflito instaurado e o facto de atingir, com o seu impacto destruidor, seres dotados de condição superior e acariciados pela felicidade.

O NARRADOR

- O narrador é **heterodiegético**, ou seja, não é uma personagem da história.
- Assume, geralmente, uma atitude de observador.
- Marcas linguísticas: verbos na 3ª pessoa; pronomes e determinantes na 3ª pessoa; discurso indireto livre (nesta obra).
- O narrador **omnisciente** sabe tudo sobre as personagens: o seu passado, presente e futuro, bem como os seus sentimentos e desejos mais íntimos. É como um deus que tudo viu e tudo sabe. Verificamos que o narrador do romance conhece todo o passado dos Maias, sabendo mais sobre eles do que as próprias personagens. Isto permite-lhe arquitetar o romance, jogando com várias técnicas narrativas ao nível do tempo do discurso (por exemplo, a analepse).
- Um exemplo concreto do conhecimento do narrador relativamente à interioridade das personagens é o momento em que mostra conhecer os sentimentos que Afonso não expressa quando o filho, Pedro, surge perante ele, desesperado com a fuga da Monforte. (Final do cap. II - p. 44 - "Uma sombria tarde de Dezembro...")
- O **ponto de vista**, ou perspectiva narrativa, corresponde à adoção, por parte do narrador, de uma determinada posição para contar a história.
- Perspetivar a diegese de acordo com uma determinada focalização não é só ver a diegese por certos olhos; é tomar em relação a ela uma posição afetiva e/ou ideológica. Constituir-se-á assim uma imagem particular da história, configurada pela subjetividade da personagem que a perspetiva.
- N' *Os Maias* é fundamentalmente sobre Carlos que recai a focalização interna: as outras personagens dependem da sua visão do mundo e é a sua subjetividade que atua como elemento filtrante da realidade observada.
- A focalização interna valoriza o universo psicológico de Carlos e proporciona uma visão crítica da sociedade.
- O ponto de vista de Carlos é sobretudo evidente nas passagens em que a obra nos dá a conhecer Maria Eduarda (o primeiro avistamento, o primeiro encontro,...). Aliás, parece ser na caracterização desta personagem feminina que o narrador mais abdica da sua omnisciência. Mas também existem outros exemplos da focalização interna de Carlos, como o jantar do Hotel Central ou o Passeio Final, em que a visão crítica da decadência do país é filtrada pelo olhar do protagonista.

- Ao privilegiar a focalização interna, o narrador vê, sente e julga os eventos ficcionais com e como a personagem, o que, por outras palavras, significa que as leis da subjetividade da personagem condicionam a imagem da diegese que é veiculada.
- A focalização interna adota por vezes a perspetiva de João da Ega. Um exemplo relevante deste ponto de vista são os episódios do jornal “A Tarde” e do Sarau no Teatro da Trindade.
- Outro exemplo digno de nota em termos de focalização interna, é o ponto de vista de Vilça (pai), através do qual se apresenta a educação de Carlos em Santa Olávia.
- O narrador pode também optar pela focalização externa, ou seja, a simples referência aos aspetos exteriores da história contada: por exemplo, o aspeto físico das personagens, a sua vestimenta, ou os espaços físicos onde se movimentam.
- Esta atitude narrativa é especialmente empenhada na superficialidade e transmite, com objetividade, apenas aquilo que é observável.
- No entanto, n’*Os Maias*, a objetividade é, muitas vezes, apenas aparente. Assim, existem vários exemplos de utilização de adjetivos, de advérbios e de diminutivos que conferem subjetividade aos eventos narrados.
- Os exemplos que mais se destacam correspondem à descrição de Eusebiozinho ou à de Dâmaso. Encontramos aqui a focalização interventiva, com a função de comentário, aliada à adesão ou negação a/de comportamentos ou formas de estar das personagens. Pode ter uma função ideológica, por exemplo na apresentação da personagem Alencar, já velho, no jantar do Hotel Central.

ESPAÇOS FÍSICOS



Lisboa ----- Microespaços

Os mais importantes:

Ramalhete (símbolo da decadência da família e do país)

Início do romance	O Ramalhete encontra-se fechado, abandonado e mostra sinais de degradação.
Intriga principal	O ramalhete é lugar de vida, reflectindo o gosto de Carlos; o jardim está viçoso.
No capítulo final	O Ramalhete está encerrado e vai-se degradando, desde que Afonso morreu.

Toca (território de Carlos e de Maria Eduarda – realça o carácter animalesco da relação, dominada pelo desejo, pela paixão sensual)

A decoração permite antever o desfecho da relação que, desafiando valores humanos se rende a outras leis, através da relação incestuosa.

Os microespaços em que se desenrola a crónica de costumes: **Hipódromo de Belém, Teatro da Trindade, Redações dos jornais, Largo de Camões,...**

CRÓNICA DE COSTUMES

Figurantes	Crítica à sociedade portuguesa
⇒ Alencar e Ega	⇒ Literatura
⇒ Craft	⇒ Aristocracia inglesa
⇒ Eusébiozinho	⇒ Educação portuguesa
⇒ Cohen	⇒ Alta finança
⇒ Palma “Cavalão”	⇒ Imprensa / jornalismo
⇒ Steinbroken (filho de Sousa Neto)	⇒ Diplomacia
⇒ Mulheres da alta sociedade	⇒ Mulher portuguesa da alta sociedade
⇒ Dâmaso	⇒ Corrupção/decadência moral
⇒ Conde de Gouvarinho	⇒ Política
⇒ Sousa Neto	⇒ Administração pública
⇒ Rufino	⇒ Oratória balofa
⇒ Cruges	⇒ Talento não reconhecido

Ao longo da acção Carlos vai tomando contacto com inúmeros ambientes e episódios que ilustram a sociedade lisboeta do século XIX.

Episódios mais importantes...

Jantar no Hotel Central

(pág. 156-176)

Objectivos:

- homenagear o banqueiro Jacob Cohen
- proporcionar a Carlos um primeiro contacto com a vida social lisboeta
- apresentar a visão crítica de alguns problemas
- proporcionar a Carlos a visão de Maria Eduarda

Intervenientes:

- João da Ega (promove a homenagem; representa o Realismo/Naturalismo)
- Cohen (o homenageado; representante das finanças)
- Tomás de Alencar (poeta ultra-romântico)
- Dâmaso Salcede (novo-rico)
- Carlos da Maia (médico; observador crítico)
- Craft (britânico; representante da cultura artística e britânica)

Temas Discutidos:

1. A Literatura e a crítica literária

<p>Tomás de Alencar</p> <ul style="list-style-type: none"> - Opositor ao Realismo/Naturalismo - Preocupado com os formalismos da literatura - Refugia-se na moral por não ter outra - arma de defesa; condena o realismo por ser imoral - Desfasado do seu tempo, incoerente. 	<p>João da Ega</p> <ul style="list-style-type: none"> - defensor do Realismo/Naturalismo; defende o cientificismo na literatura (não distingue ciência de literatura)
<p>Carlos e Craft</p> <ul style="list-style-type: none"> - recusam o ultra-romantismo de Alencar - recusam o exagero de Ega - Carlos acha intoleráveis os ares científicos do Realismo e defende que o carácter se manifesta pela acção - Craft defende a arte como idealização do que há de melhor na natureza; defende a arte pela arte 	<p>Narrador</p> <ul style="list-style-type: none"> - recusa o ultra-romantismo de Alencar mas também a distorção do Naturalismo contido nas afirmações de Ega - afirma uma estética próxima da de Craft: "estilos novos tão preciosos e dúcteis" (tendência parnasiana)

Próximos de Eça, quando defende para a literatura uma nova forma

CRÍTICA: estagnação da cultura em Portugal

2. As Finanças

- absoluta dependência do país relativamente aos empréstimos do estrangeiro
- Cohen = calculista cínico – embora assumindo um cargo que lhe confere responsabilidade, ‘lava as mãos’ e afirma que o país “vai direitinho para a bancarrota”

3. História e Política

João da Ega	Tomás de Alencar
Aplaudes as afirmações do Cohen, defende a invasão espanhola; defende o afastamento violento da monarquia e a instauração da República. “A raça portuguesa é a mais covarde e miserável da europa.”	Teme a invasão espanhola, que vê como um perigo para a independência nacional. Defende o romantismo político.

Corridas no Hipódromo de Belém (pág. 312-341)

As corridas representam um esforço desesperado de cosmopolitismo, concretizado à custa de uma imitação do estrangeiro.

Hipódromo = palco onde desfila o cortejo das figuras principais em que assenta crítica social feita pelos outros.

Linhas conceptuais:

1. Moda/status social
2. O (des)interesse da corrida
3. Atitudes das personagens – linguagem

OBJECTIVOS:

- ⇒ Novo contacto de Carlos com a sociedade lisboeta, incluindo o próprio rei;
- ⇒ Visão panorâmica dessa sociedade (masculina/feminina) sob o olhar crítico de Carlos;
- ⇒ Tentativa frustrada de igualar Lisboa às capitais europeias, sobretudo Paris;
- ⇒ Cosmopolitismo (postição) da sociedade;
- ⇒ Possibilidade de Carlos encontrar aquela figura feminina que viu à entrada do Hotel Central.

Há quatro corridas:

- 1ª: a do primeiro prémio dos “Produtos”
- 2ª: a do Grande Prémio Nacional
- 3ª: a do Prémio de El-Rei
- 4ª: a do Prémio de Consolação

Visão Caricatural

- o hipódromo parecia um palanque de arraial;
- as pessoas não sabiam ocupar os seus lugares;
- as senhoras traziam *vestidos sérios de missa*;
- o bufete tinha um aspecto nojento;
- a 1ª corrida terminou numa cena de pancadaria;
- as 3ª e 4ª corridas terminaram de forma grotesca

Conclusões →

- ⇒ **Fracasso total dos objectivos das corridas**
- ⇒ **Radiografia perfeita do atraso da sociedade lisboeta**
- ⇒ **O verniz da civilização estalou completamente**
- ⇒ **A sorte de Carlos, ganhando todas as apostas, é indício de futura desgraça.**

O Jantar em casa dos Gouvarinho

(pág. 388-402)

Objectivos:

- Reunir a **alta burguesia e aristocracia** do país
- Reunir a **camada dirigente do país**
- Radiografar a ignorância das classes dirigentes

Temas mais prementes da vida social

O episódio evidencia especialmente a **mediocridade mental** de dois figurantes : o conde de Gouvarinho e Sousa Neto.

CONDE DE GOUVARINHO	SOUSA NETO
<ul style="list-style-type: none"> ● Voltado para o passado ● Tem lapsos de memória ● Comenta muito desfavoravelmente as mulheres ● Revela uma visível falta de cultura ● Não acaba nenhum assunto ● Não compreende a ironia sarcástica de Ega 	<ul style="list-style-type: none"> ● Acompanha as conversas sem intervir ● Desconhece o sociólogo Proudhon ● Defende a imitação do estrangeiro ● Não entra nas discussões ● Acata todas as opiniões alheias (mesmo as mais absurdas) ● Defende a literatura de folhetins, de cordel ● É deputado
<p>Superficialidade dos juízos dos mais destacados funcionários do Estado; incapacidade de diálogo por manifesta falta de cultura.</p>	

A Imprensa (pág. 530-579)

Os jornais da época não escapam ao olhar atento de Eça:

JORNAIS ATINGIDOS	
<i>A Corneta do Diabo</i>	<i>A Tarde</i>
<ul style="list-style-type: none"> ⇒ O director é Palma "Cavalão", um imoral; ⇒ A redacção é um antro de porcaria; ⇒ Publica um artigo contra Carlos, mediante dinheiro ⇒ Vende a tiragem do número do jornal onde saíra o artigo ⇒ Publica folhetinzinhos de baixo nível 	<ul style="list-style-type: none"> ⇒ O director é o deputado Neves ⇒ Recusa publicar a carta de retractação de Dâmaso porque o confunde com um seu correligionário político ⇒ Desfeito o engano, serve-se da mesma carta como meio de vingança contra o inimigo político ⇒ Só publica artigos ou textos dos seus correligionários políticos
O baixo nível; a intriga suja; o compadrio político; tais jornais, tal país	

O Sarau do Teatro da Trindade (pág. 586-613)

"sarau" - termo que sugere um público frequentador culto, **NO ENTANTO** os espectadores frequentam estes lugares, não pela qualidade do espetáculo, mas pela **importância do convívio social**.

Objectivos da realização do sarau:

- Ajudar as vítimas das inundações do Ribatejo
- Apresentar um tema querido da sociedade lisboeta - a Oratória
- Reunir novamente as várias camadas das classes mais destacadas, incluindo a família real
- Criticar o ultra-romantismo que encharcava o público
- Contrastar a festa com a tragédia

OS ORADORES	
RUFINO	ALENCAR
<ul style="list-style-type: none"> ● O bacharel transmuntano ● O tema do Anjo da Esmola ● Desfasamento entre a realidade e o discurso ● Falta de originalidade ● Recurso a lugares-comuns ● Retórica oca e balofa ● Aclamação por parte do público tocado no seu sentimentalismo 	<ul style="list-style-type: none"> ● O poeta ultra-romântico ● O tema da Democracia romântica ● Desfasamento entre a realidade e o discurso ● Excessivo lirismo carregado de conotações sociais ● Exploração do público seduzido por excessos estéticos estereotipados ● Aclamação do público
As classes dirigentes alheadas da realidade: uma sociedade deformada pelos excessos líricos do ultra-romantismo: tal oratória, tal país.	

Público

adere ⇒ aplaude

rejeita ⇒ critica

Os Discursos

- sublime
- bravo
- apoiado

- horroroso
- nojento
- asqueroso

PERSONAGENS
(linguagem)

⇒ Palavras de campos semânticos
pouco agradáveis: asqueroso, asno, nojento

A ORATÓRIA

⇒ arte de bem falar: belas imagens e
sonantes construções frásicas

CONTRASTE → Retrato social: pobreza cultural, hipocrisia e futilidade

Episódio Final: o passeio de Carlos e Ega
(último capítulo)

→ este episódio ocorre dez anos depois dos anteriores – passagem do tempo sobre o meio

ESPAÇOS

1º - **Estátua de Camões** – perdida e envolvida numa atmosfera de estagnação, evoca um passado glorioso (anterior a 1580), despertando sentimentos de nostalgia.

2º - **Parte antiga da cidade** – dominam aspectos ligados ao Portugal absolutista (anterior a 1820); autenticidade nacional, destruída pelo presente afrancesado e decadente.

3º - **Parte nova da cidade** – domina o presente (tempo da Regeneração, a partir de 1851), marcado pela decadência, o fracasso da regeneração, a destruição. As tentativas de recuperação não mobilizaram o país – alcance muito restrito (caso do monumento aos Restauradores), imitações erradas de modelos culturais alheios (caso do francesismo).

PASSEIO = viagem através do tempo feita a partir de lementos simbólicos que marcam o percurso deste passeio.

O Ramalhete

- Sinédoque do país - atingido pela destruição e abandono

Roteiro simbólico do Passeio	
Símbolos	Simbologia
⇒ Estátua de Camões	⇒ Nostalgia de um passado glorioso ao qual se opõe um presente apagado e sem brilho
⇒ Dâmaso e os Lisboetas	⇒ Ânsia de acesso à civilização e desrespeito pelos costumes genuinamente portugueses. Falta de originalidade, autenticidade e dinamismo
⇒ Antigo consultório de Carlos	⇒ Memórias de um tempo activo, em que se acreditava nos projectos de vida para o futuro.
⇒ Ramalhete	⇒ Degeneração da família Maia e do país, à beira da crise